

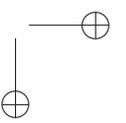
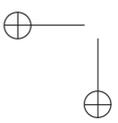
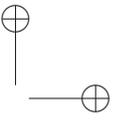
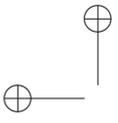
Breve Introdução à *Ética a Eudemo* de Aristóteles



José António Campelo de Sousa Amaral

2022

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2022

FICHA TÉCNICA

Título: *Breve Introdução à Ética a Eudemo de Aristóteles*

Autor: José António Campelo de Sousa Amaral

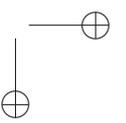
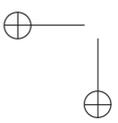
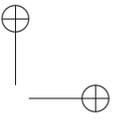
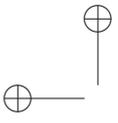
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2022

DOI: 10.25768/L-22-002



Breve Introdução à *Ética a Eudemo* de Aristóteles (*)

Autoria e intitulação

A *Ética a Eudemo* [EE] inscreve-se no conjunto dos quatro tratados que chegaram até nós sob o nome de Aristóteles. Os outros três são a *Ética a Nicómaco* [EN], a *Magna Moralia* [MM] e o catálogo *Das Virtudes e Vícios* [VV], ainda hoje considerado espúrio e não aristotélico pela esmagadora maioria dos estudiosos.¹ Ao que tudo indica, os títulos dos escritos de Aristóteles, ou a ele atribuídos, muito provavelmente não são da sua lavra, mas fruto de iniciativas editoriais posteriores², de entre as quais se destaca naturalmente a de Andronico de Rodes.

O nível de incerteza que paira sobre o mencionado problema da intitulação no que se refere a este e aos demais tratados não pode ser vencido por recurso a uma edição absolutamente fidedigna, visto que o texto grego ou pura e simplesmente se perdeu, ou mesmo aquele que se conservou e reproduziu na rede e na família dos seus códices e manuscritos, chega-nos não raro em condições de problemática legibilidade. A somar a essa dificuldade, também não se encontra isenta de riscos uma incursão a fontes indirectas, já que a estabilização testemunhal e doxográfica da vida, obra e pensamento do Estagirita foi sendo historicamente afectada por factores tão determinantes como 1) a aporeticidade das cronologias factuais³, 2) a heterogeneidade das notícias e

(*) Tradução publicada em coautoria com Artur Morão nas *OBRAS COMPLETAS DE ARISTÓTELES*, Vol. VI, Tomo III, Coord. António Pedro Mesquita, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2019

¹ Embora convenha contar com o ponto de vista alternativo de Pierre-Marie MOREL, autor da tradução *Aristote. De la vertu [Pseudo Aristote]*, in AA.VV., «Aristote. Ontologie de l'action et savoir pratique», in *Philosophie* 73 (2002)

² Cf. LLEDÓ IÑIGO Emilio, «Introducción a las éticas», in ARISTÓTELES, *Ética Nicomáquea. Ética Eudemia*, trad. y not. Julio Palli BONET, Madrid: Gredos, 2003., 25-27

³ Neste particular sobressaem factos e acontecimentos como v.g. o retorno do filósofo a Estagira; a morte de Pitíade, sua mulher; a união de facto com Herpílis; o estatuto legal de Nicómaco, fruto dessa segunda união, etc.

relatos de vida⁴, 3) a ambivalência dos testemunhos pessoais⁵, 4) o ecletismo das referências literárias⁶, e finalmente 5) as inconsistências iniciais da tradição comentarística e biodoxográfica⁷. A esse propósito, António Pedro Mesquita oferece, na *Introdução Geral* à edição crítica portuguesa das *Obras Completas de Aristóteles*⁸, uma panorâmica detalhada, criteriosa e amplamente documentada de algumas das questões mais controversas, mormente as ligadas seja à validação das fontes literárias e doxográficas e à fixação da crono-biografia do Estagirita, seja à perspectivação dos múltiplos e intensos debates em torno da história da formação textual e da estabilização editorial da sua obra.

Não obstante as dificuldades existentes, e porventura insuperáveis, face às peripécias histórico-editoriais que enredam a produção tratadística de Aristóteles, ninguém parece em condições de, presentemente, colocar em causa a aceitação generalizada da autenticidade magistral não só da *EE*, mas também

⁴ A matéria relativa a essas notícias e relatos encontra-se disseminada por doze *Vitae Aristotelis*, a saber Livro V das *Vidas dos filósofos ilustres*, de Diógenes Laércio (séc. III dC); *Vita Hesychii*, de Hesíquio de Mileto (séc. VI dC); *Vita Marciana* (séc. V dC); *Vita Vulgata* (séc. VI dC); *Vita Lascaris*; *Vita Latina*, (séc. XII dC); *Vita Syriaca I* (de data indeterminada); *Vita Syriaca II* (de data indeterminada); *Vita do Kitab al-Fihirst*, de Ibn al-Nadim (séc. X dC); *Vita da Selecta de Sabedoria e Belos Ditos*, de al-Mubashir (séc. XI dC); *Vita da Crónica dos Sábios*, de Ibn al-Qifti (séc. XIII dC) e *Vita do Livro de Fontes de Informação sobre Escolas Médicas*, de Ibn Abi Usaibia (séc. XIII dC).

⁵ Grande parte desses testemunhos se numa primeira fase se apresentam dotados de exacerbado travo legendário, anedótico ou implacavelmente hostil e panfletário (este sobretudo nutrido pela sanha antimacedónica contra a figura de Aristóteles), já numa segunda fase, marcada já por um clima de maior apaziguamento tanto ideológico (com a crescente dissipação da fractura entre pró-macedónicos e antimacedónicos) como político (com o termo da guerra dos Diádocos e a gradual recuperação da autonomia e auto-estima gregas), emergem um conjunto significativo de recolhas e apreciações biográficas decisivas para a elaboração das *Vitae Aristotelis* na antiguidade, bem como para a subsequente fixação e datação de factos biográficos, e ainda para o estabelecimento da autenticidade e datação da produção filosófica a ele atribuída.

⁶ Este tipo de literatura biográfica sobre Aristóteles numa plêiade de autores do designado “primeiro renascimento aristotélico” denotando já preocupações de ordem textual, literária e editorial, como acontece quer com Apelicone de Téos (responsável pela redescoberta da desaparecida colecção de manuscritos de Aristóteles e pela compra da mesma a um herdeiro de Neleu de Cépsis, formando o núcleo central de manuscritos da primeira edição canónica do *corpus aristotelicum* por Andronico de Rodes), quer com Cícero, sem o qual não se teria consolidado o “primeiro retorno” literário, lexical e interpretativo a Aristóteles.

⁷ O pioneiro comentarismo de Aristóteles marca, por assim dizer, o início do “segundo renascimento aristotélico” iniciado por Adrasto de Afrodísias e prosseguido quer pelos seus condiscípulos Alexandre de Afrodísias e Galeno de Pérgamo, fase a que se seguirá imediatamente uma de “feição cristã” através de uma estripe de notáveis autores animados por um afã evangelizador e apologético entre os quais se contam Clemente de Alexandria, caracterizada pelo interesse em lançar as bases de um diálogo com a mundividência neoplatónica.

⁸ MESQUITA António Pedro (coord.), *Introdução Geral às Obras Completas de Aristóteles*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005: vide os capítulos «O corpus aristotélico» (207-339).

da *EN* e da *MM* e até mesmo, em certa medida do *VV*, cujo carácter apócrifo começa a ser hoje questionado.⁹

Datação

Tendo em conta, por conseguinte, as contingências histórico-literárias inerentes à transmissão directa, traduzida e/ou comentada da escrita (juvenil, tratadística, epistolar, lírica, etc.) de Aristóteles¹⁰, são muitas as dúvidas e incertezas que persistem quanto às interdependências temáticas e cronológicas que se entrelaçam na produção textual respeitante à filosofia prática. Assim, no que à datação diz respeito¹¹, tem-se geralmente por certo que a *EE* foi escrita antes da *EN*, mas, tal como seria de esperar, tal convicção não se encontra isenta de inflamada controvérsia, como aliás tão bem demonstraram em diferentes latitudes v.g. Franz Dirlmeier¹², Christopher Rowe¹³, Donald Allan¹⁴, Anthony Kenny¹⁵, Lawrence Jost¹⁶ e outros mais.¹⁷

Posto isto, quem será esse *Eudemo* que dá título ao tratado com o mesmo nome? Terá ele a ver com um tal Eudemo a quem Olimpodoro se refere, ao dar

⁹ Cf. MOREL Pierre-Marie, «Introduction» au *De la vertu [Pseudo-Aristote]*, trad. Pierre-Marie MOREL, in AA.VV., «Aristote. Ontologie de l'action et savoir pratique», in *Philosophie* 73 (2002) 3-5

¹⁰ MESQUITA António Pedro (coord.), *Introdução Geral às Obras Completas de Aristóteles*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005: vide «Problemas de cronologia» (439-463)

¹¹ Vide LOUIS Pierre, «Sur la chronologie des oeuvres d'Aristote», in *Bulletin de l'Association Guillaume Budé* 5 (1948) 91-95 e mais recentemente, com enquadramento mais vasto e sistematizado, MILLER Jon, *The Reception of Aristotle's Ethics*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013

¹² Cf. DIRLMEIER Franz, «Zur Chronologie der Grossen Ethik des Aristoteles», in *Sitzungsberichte der Heidelberger Akad. Der Wissenschaften. Philosophisch-Historische Klasse 1*, Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1970

¹³ Cf. ROWE Christopher, *The Eudemian and "Nicomachean ethics": a study in the development of Aristotle's thought*, Cambridge: Cambridge Philological Society, 1971 [«The Eudemian Ethics and the Nicomachean Ethics. A Study in the development of Aristotle's Thought», in *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 3 (1971) 79-114]

¹⁴ ALLAN Donald, «Magna Moralia and Nicomachean Ethics», in *The Journal of Hellenic Studies* (London) 77 (1957) 1, 7-11

¹⁵ Cf. KENNY Anthony, *The Aristotelian Ethics. A study of a relationship between the Eudemian and Nicomachean Ethics*, Oxford: Oxford University Press, 1978

¹⁶ Cf. JOST Lawrence, «The Eudemian Ethics and Its Controversial Relationship to the Nicomachean Ethics», in POLANSKY Ronald (ed.), *The Cambridge Companion to Aristotle's Nicomachean Ethics*, Cambridge – New York: Cambridge University Press, 2014, 410-428

¹⁷ Vide designadamente GARCÍA YEBRA Valentín, «La filosofía moral de Aristóteles en sus etapas evolutivas», in *Arbor* (Madrid) 86 (1973) 453-457, bem como, em contextualização mais abrangente, IONESCU Constantin Vicol, *Filosofía moral de Aristóteles en sus etapas evolutivas*, I-II, Madrid: CSIC, 1973

notícia da *Elegia* dedicada por Aristóteles ao seu mestre Platão, como tendo sido também ele destinatário de *Elegias* do nosso Estagirita?¹⁸ O não será antes, como de resto habitualmente se pensa, aquele Eudemo de Rodas, discípulo de Aristóteles e coevo de Teofrasto de Ereso no Perípato, a quem se atribui o mérito de ter colaborado na respectiva edição do tratado?¹⁹ Por outro lado, o que dizer do facto de *EE* e *EN* partilharem, pelo menos nos manuscritos que subsistem, três livros em comum (razão pela qual os livros IV, V e VI da *EN* não surgem inseridos nas edições da *EE*, como sucede com a presente versão)? Qual o grau de interconexão temática e cronológica que os dois tratados mantêm entre si?²⁰

Mantendo prudente reserva em face de problemas muito longe de cabal solução e total consenso, e, por conseguinte, recusando enfileirar em qualquer posição conjectural em jogo, uma coisa podemos desde já adiantar: o apego ao termo *proteron* [πρότερον] usado em *EE* 1215 b 6, de que lançam mão os partidários de uma irrefutável precedência cronológica da *EN* relativamente à *EE*²¹, carece, em nosso entender, de base sólida. Sendo *proteron* [πρότερον] traduzível por um “antes” cujo alcance semântico tanto pode significar “primeiro”, “acima”, ou “no início”, e não tendo como inquirir Aristóteles acerca do valor topológico (antecedência posicional) ou cronológico (precedência temporal) de tal “anterioridade”, subsiste a dúvida quanto a saber se o sentido de “antes” se reporta ou (1) a um conteúdo “anteriormente” mencionado no interior da própria obra, ou antes (2) a um conteúdo similar ou análogo numa “obra anterior” àquela em que a alusão ocorre. Ora, segundo a perspectiva dos proponentes da defesa da anterioridade da *EN* relativamente à *EE*, como nada indica que o assunto sobre o qual é feita a alusão de “anterioridade” ocorra numa parte anterior da mesma obra (1), seja no mesmo capítulo ou noutra qualquer, o que implica descartar imediatamente tal possibilidade (1), resta, por exclusão de

¹⁸ ARIST., *Frgm.* 650, 673 R³ *apud* OLIMPIODORUS, *Commentarius in Gorgiam* 41.9

¹⁹ Nada de propriamente extravagante, tendo em conta que até finais do séc. XIX reputados tradutores dos escritos do Estagirita e diligentes estudiosos do seu pensamento, como Franz Susemihl, atribuíam a Eudemo de Rodas a autoria do próprio tratado: cf. *Eudemi Rhodii Ethica. Adjecto De virtutibus et vitiis libello*, ed. Franz SUSEMIHL, Leipzig: Teubner, 1884

²⁰ Cf. PLEBE Armando, «La posizione storica dell'Etica Eudemia e dei Magna Moralia», in *Rivista Critica di Storia della Filosofia* (Milano) 16 (1961) 132-152; Cf. BODÉÛS Richard, «Contribution à l'histoire des œuvres morales d'Aristote: les Testimonia», in *Revue Philosophique de Louvain* 71 (1973) 451-467; SCHOFIELD Malcolm, «L'Éthique à Eudème postérieure à l'Éthique à Nicomaque? Quelques preuves tirées des livres sur l'amitié», in *L'excellence de la vie. Sur L' "Éthique à Nicomaque" et L' "Éthique à Eudème" d'Aristote*, dir. par Gilbert ROMÉYER-DERBEY, Paris: Vrin (2002) 299

²¹ Vide, a propósito, o pertinente ponto de situação de GAUTHIER-MUZELLEC Mari-Hélène, *Aristote et la juste mesure*, Paris: PUF, 1998, 18, n.2.

partes, a alternativa de que o “antes” se refira plausivelmente a uma obra “precedente” (2) cujo assunto se encontre conexo com o passo da obra em que á feita a alusão de “anterioridade”: a admissão desta possibilidade (2), procura validar a tese de que a referência aristotélica à “anterioridade” do conteúdo remeteria o leitor para uma obra cronologicamente “anterior” à *EE*, ou seja para a *EN*, aduzindo para o efeito que o passo onde nesta se relaciona a felicidade com os três géneros de vida [= *EN* 1095 b 14 – 1096 a 10] patenteia uma formulação suficientemente coincidente com a que ocorre naquela [= *EE* 1215 a 33 – b 6] para lhe servir de “precedente”: assim sendo, afigurar-se-ia perfeitamente viável, em termos conjecturais, propor a tese de que a redacção da *EN* antecede cronologicamente a da *EE*.²² Sucede que tal proposta enfrenta, em nosso entender, um considerável fragilidade: analisando com maior acuidade o contexto em que *proteron* [πρότερον] se insere [= *EE* 1215 b 5-6], facilmente se depreende que ele tem a ver não com a relação entre a felicidade e os três géneros de vida – e, nesse caso, a hipótese aventada (2) estaria correcta –, mas antes com a multiplicidade de opiniões sobre a felicidade, cujo conteúdo já tinha sido, de facto, referido “antes”, isto é “uma linhas acima” na mesma obra [= *EE* 1214 b 28 – 1215 a 7]. Entendemos, por conseguinte, que o argumento aduzido (2) não se afigura suficientemente inatacável para pretender legitimar a tese da precedência cronológica da *EN* face à *EE*. Pela validação da análise contextual, a utilização de *proteron* [πρότερον] parece-nos mais imputável à primeira alternativa (1) – que supõe uma anterioridade do tema *in loco* – do que à segunda (2), o que, em nosso entender, torna excessivamente ciclópica a tarefa de destronar um consenso ainda largamente aceite em torno da precedência da *EE* face à *EN*, conforme se dá conta na sinopse cronográfica que se segue:

²² A tese em causa encontra suporte favorável in DUMONT Jean-Paul, *Éléments d’histoire de la philosophie antique*, [Lille]: Nathan Université, 1993, 340-342

1º Período > 367-347 aC Academia Atenas idade 17–37 anos	2º Período > 347-335 aC Périplo Asso/Mitilene/Pela idade 37–49 anos	3º Período > 335-323 aC Liceu Atenas idade 49–61 anos
----------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------

...	365	360	355	350	345	340	335	330	325	320 ...
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	---------

<i>EN</i> ²³										
<i>EE</i> ²⁴										
<i>MM</i> ²⁵										
<i>Pol.</i> ²⁶										
<i>Oec.</i> ²⁷										

- ²³ - antes de 336 aC > v.g. JAEGER Werner, Aristoteles. Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung
- 336-335 aC > v.g. NUYENS François, L'Évolution de la Psychologie d'Aristote, 189-193; 197
- depois de 335 aC > v.g. LLOYD Geoffey, Aristotle: The Growth and Structure of His Thought, 105
- 335-334 aC > v.g. GAUTHIER René A. – JOLIF Jean-Yves, L'Éthique à Nicomaque, 46
- 334-322 aC > v.g. DÜRING Ingemar, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkens*, 52
- 336-330 aC > v.g. LOUIS Pierre, *Vie d'Aristote*, 95
- 328-323 aC > v.g. RIST John, *The Mind of Aristotle. A Study in Philosophical Growth*
- ²⁴ - 355-347 aC > v.g. DÜRING Ingemar, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkens*, 50
- 348-345 aC > v.g. ROSS David, *Aristoteles* (1949), 14
- depois de 347 aC > v.g. JAEGER Werner, Aristoteles. Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung // NUYENS François, L'Évolution de la Psychologie d'Aristote, 186-189
- 347-345 aC > v.g. GAUTHIER René A. – JOLIF Jean-Yves, L'Éthique à Nicomaque, 36
- 347-343 aC > v.g. LOUIS Pierre, *Vie d'Aristote*, 56
- 338 aC > v.g. RIST John, *The Mind of Aristotle. A Study in Philosophical Growth*
- ²⁵ - 360-355 aC > v.g. DÜRING Ingemar, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkens*, 50
- antes de 345 aC > v.g. Von ARNIM Hans, *Die drei aristotelischen Ethiken* (1924) // SCHLEIERMACHER Friedrich, «Über die ethischen Werke des Aristoteles» (1835-1862) 306ss. // COOPER John, «The Magna Moralia and Aristotle's moral philosophy», 327ss.
- 336 aC > v.g. PELLEGRIN Pierre, *Les Grands Livres d'Éthique*, 18
- ²⁶ - Lib. I = 347-324 aC > v.g. Von ARNIM Hans, «Die drei aristotelischen Ethiken» (1924) // DÜRING Ingemar, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkens*, 51 // BARKER Ernest, *The Politics of Aristotle* (1946) // NUYENS François, L'Évolution de la Psychologie d'Aristote, 194, 197 // JAEGER Werner, Aristoteles. Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung // GAUTHIER René A. – JOLIF Jean-Yves, L'Éthique à Nicomaque, 46 // LOUIS Pierre, *Vie d'Aristote*, 95 // RIST John, *The Mind of Aristotle. A Study in Philosophical Growth*
- Lib. II = 347-322 aC > v.g. JAEGER Werner, Aristoteles. Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung // NUYENS François, L'Évolution de la Psychologie d'Aristote, 194, 197 // GAUTHIER René A. – JOLIF Jean-Yves, L'Éthique à Nicomaque, 36-36 // WEIL Raymond, *Aristote et l'histoire: essai sur la Politique* // RIST John, *The Mind of Aristotle. A Study in Philosophical Growth* // BARKER Ernest, *The Politics of Aristotle* (1946) // DÜRING Ingemar, *Aristoteles. Darstellung und Interpretation seines Denkens*, 62 // Von ARNIM Hans, *Die drei aristotelischen Ethiken* (1924)
- Lib. III = 347-324 aC > v.g. Ibid.
- Lib IV-VI = 336-322 aC > v.g. Ibid.
- Lib. VII-VIII = 347-323 > v.g. Ibid.
- ²⁷ - depois de 325 aC > v.g. Bernhard van GRONINGEN – André WARTELLE, *Économique*, XII // Delfim LEÃO, *Os Económicos*, 22, 25

Estrutura e conteúdo

A ninguém escapa que, de entre os escritos éticos, a transmissão histórico-literária dos escritos aristotélicos sorriu com particular fortuna à *EN*, projectando-a num percurso que, desde as primeiras incursões editoriais de Teofrasto de Ereso até à progressiva sedimentação nas traduções e comentários greco-siríaco-arábico-latinos (e.g. Séneca, Cícero, Aspásio, Adrasto de Afrodísias, Amónio Hermeu, Hermias de Alexandria, Hunayn Ibn Ishaq, Probo, Al-Dimasqui, Eustrácio de Niceia e Miguel de Éfeso), flui no leito medieval e pré-renascentista das portentosas traduções e comentários escolásticos de Roberto Grossatesta, Alberto Magno, Tomás de Aquino, sem esquecer os nossos Conimbricenses. A *EE*, por seu turno, não foi tao bafejada pela sorte. Nem escoliastas, nem comentadores lhe dedicaram grande atenção. Perante um silêncio tão ensurdecedor, parece ganhar alguma plausibilidade a tese de que os manuscritos da *EE* talvez não tenham digerido tão bem a implacável erosão do tempo, condenando o texto a uma espécie de corpo belo com umas quantas partes corrompidas e algumas outras perdidas, como se depreende num punhado de passos da *EE* onde o Estagirita assinala o intento de retornar a um assunto cujo rasto se desvanece por completo no interior da obra [vide v.g. *EE* 1216 a 39; 1227 a 1; 1227 b 17], embora, não raro, sejamos surpreendidos com o seu inesperado reaparecimento na *EN* [vide respectivamente 1153 b 7-25; 1135 a 16 ss; 1151a 29 - 1152 a 36] facto que, a propósito, pode militar em favor de um discreto indício da precedência da *EE* relativamente à *EN*.

Na sua presente feição, a *EE* é composta por oito livros, apresentando-se o oitavo incompleto. Cotejando as temáticas deste tratado com as da *EN*, obtém-se uma tabela de correspondências com o seguinte perfil:

<i>Ethica Eudemia</i>	← →	<i>Ethica Nicomachea</i>
Livros I e II	↕	Livros I – III, 4
Livro III	↕	Livros III, 4 – IV
Livro IV	=	Livro V
Livro V	=	Livro VI
Livro VI	=	Livro VII
Livro VII > “resumo”	<	Livros VIII e IX
Livro VIII > estado fragmentário	↕	Livro X

O Livro I abre com o tema – a natureza da felicidade, fim ou objectivo supremo da vida humana. O estudo não deixa de ter relevância prática: o conhecimento do bem fomenta a sua realização. Daí o cuidado em distinguir as noções de agradável, bom e belo. Após a refutação e a recusa de algumas opiniões contraditórias e insuficientes, Aristóteles concentra-se na análise de três tipos de bens, que suscitam três possíveis modos de vida: o prazer, a virtude, a prudência. O primeiro inspira uma vida aprazível, voluptuosa e hedonista, cuja consideração o filósofo deixa de lado para encarar as possibilidades insinuadas pelos outros bens; a segunda, impulsionada pela excelência da virtude, é a melhor preparação e a condição para a vida política; a terceira, a prudência (sageza ou cordura), assente na escolha do melhor bem, induz à vida contemplativa, ao exercício da *theoria*. A teoria platónica de um bem absoluto é de validade filosófica discutível, pois o bem diz-se de muitos modos, tal como o ser. De qualquer modo, não tem incidência na vida prática.

O Livro II divisa a felicidade no recto exercício das funções da natureza ética e dianoética do homem. Múltiplos temas vão surgindo ao longo dos diferentes capítulos: a distinção entre bens interiores e exteriores; a definição de virtude e a sua divisão em virtudes éticas e virtudes intelectuais, com o consequente tratamento do carácter relacionado com o hábito. A partir do capítulo terceiro, sobressai a concepção da virtude como meio-termo, que traduz o uso da “recta razão” a quem cabe determinar o meio-termo entre o excesso e o defeito na sensibilidade às paixões. Faz-se ainda o inventário das diversas virtudes que se situam entre os vícios do excesso e do defeito que corresponde a cada uma. Do capítulo sexto em diante, Aristóteles expõe dois aspectos correlatos de um íntimo enlace entre antropologia, psicologia e ética: por um lado, a distinção entre voluntário e involuntário, por outro a diferenciação entre o homem, autor das suas acções e actividades, capaz de agir livremente, e o animal. Esboça assim um desenvolvimento sobre a liberdade, o fundamento da ética e a responsabilidade – considerações que se estendem até ao final deste livro.

O Livro III discute as virtudes e alguns traços de carácter, com os seus correspondentes pares de vícios. Atende-se à coragem, às suas espécies e aos seus contrários (a cobardia e a temeridade); analisa-se a temperança e o seu contrário, a intemperança ou falta de autodomínio; visita-se também a mansidão, a

magnanimidade, a magnificência e a liberalidade com os seus respectivos opostos; não se esquece o pudor e a jovialidade dos espíritos bem-humorados.

Os Livros IV, V e VI não se traduzem aqui, porque nas edições modernas da *EE* são omitidos em virtude da sua coincidência total com os Livros V, VI e VII da *EN*. Desta feita, o Livro IV ocupa-se da justiça, completando assim o exame das virtudes éticas; o Livro V, por seu turno, aborda as virtudes intelectuais da prudência (ou sabedoria prática) e da teoria (sabedoria especulativa); já o VI, que forma um apêndice à secção sobre a virtude ética, aborda o problema do autodomínio, examina a fraqueza da vontade e estuda a psicologia do prazer – um tema retomado de modo diferente e com maior exactidão e amplitude no Livro X da *EN*.

A amizade, tão importante no mundo grego, sobretudo no âmbito da cidade-Estado, é o tema do livro VII (na *EN* ocupa os Livros VIII e IX, com um discurso argumentativo algo semelhante). O termo inclui todas as formas de consideração afável e recíproca entre iguais, entre superiores e inferiores, entre parentes ou outros associados; ela pode ter por base um motivo de utilidade, o prazer da companhia ou o respeito mútuo. Como o eixo das duas Éticas reside no vínculo entre felicidade e virtude, justifica-se assim a presença da amizade entre os temas da ética aristotélica. O seu interesse ético reside, porém, nesse laço; de facto, a verdadeira amizade só é possível entre pessoas que cultivam a virtude ética; no fundo, as características atribuídas à amizade radicam na relação que o homem virtuoso estabelece consigo mesmo.

O livro VIII centra-se no aspecto epistemológico da virtude tomada como “instrumento da inteligência”, na questão de se ela é, ou não, uma ciência – o que também acontece no Livro I da *EN*, muito embora com diferenças assinaláveis; após uma referência ao alcance ético da boa sorte, segue-se um ensaio sobre a beleza da perfeita honestidade ou integridade, i.e. a *kalokagathia*, que, na *EN*, é objecto apenas de uma tangencial alusão como qualidade necessária do homem magnânimo [1124 a 4 e 1179 b 10]. Na *EE*, ao invés, apresenta-se como a consumação plena das virtudes, à luz do critério “em conformidade com a razão”. Os parágrafos finais consagram-se à *theoria*, i.e. à actividade da contemplação e da sabedoria especulativa como o nível mais elevado do homem,

fazendo comparecer a realidade divina não só como mero coadjuvante analógico, mas apresentando-a ao invés como o fim supremo da intelecção.

Opções de estabilização conceptual

Tendo em conta as posições que normalmente incendeiam o debate em torno da polissemia dos termos empregues por Aristóteles nos seus escritos²⁸, entendemos por conveniente facultar, relativamente à estrutura terminológica do tratado da *EE*, um breve conspecto a partir do qual se justificam algumas das opções de tradução mais problemáticas.

BOULËSIS [βούλησις]: o termo é traduzido por **anseio**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “almejo” ou “aspiração”. Seja como for, mais do que o recorte pulsional do “desejo” (ao qual já se encontra imputado o étimo *orexis*), ou do que os contornos medievo-cristianizados da “vontade” (*voluntas*), destaca-se nesta noção a dimensão intencional de uma inclinação, tendência ou propensão.

DIANOËTIKOS [διανοητικός]: o termo é traduzido por **intelectual** ou, na sua imediata transposição literal, **dianoético**. Trata-se de uma parte da alma que, de acordo a *EN* [1139b 15], abriga as virtudes encarregues de “fazer a verdade” [ἀληθεύειν], i.e. a sabedoria [σοφία], intelecto [νοῦς], prudência [φρόνησις], arte [τέχνη] e ciência [ἐπιστήμη], cabendo à *phronêsis* operar a mediação que interliga toda a estrutura da vida, desde os mais básicos impulsos desiderativos e impulsivos na parte desprovida de razão até à culminante apreensão veritativa do saber na parte racional.

EKOUSIOS/AKOUSIOS [ἐκούσιος/ἀκούσιος]: o par de termos é traduzido por **voluntário/involuntário**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “de bom grado/contrafeito”. Escusado será dizer que Aristóteles concebe a noção de acto voluntário [ἐκούσιος] não a partir de

²⁸ MESQUITA António Pedro, «Dificuldades particulares do vocabulário aristotélico», in *Introdução Geral às Obras Completas de Aristóteles*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005, 467-534; HALL Roland, «The special vocabulary of the *Eudemian Ethics*», in *Classical Quarterly* (London) 53 (1959) 197-206; PELLEGRIN Pierre, *Le vocabulaire d'Aristote*, Paris, Ellipses, 2001; LOUIS Pierre, «Observations sur le vocabulaire technique d'Aristote», in *Mélanges de philosophie grecque offerts à Mgr Diès*, Paris: Vrin, 1956, 141-148

uma incidência directa, procurando dizer desde logo o que ele é, mas a partir de uma abordagem oblíqua, tentando descrevê-lo a partir do seu oposto, ou seja a partir do acto involuntário [ἀκούσιος], por forma a induzir uma profilaxia hermenêutica muito precisa: como não faz qualquer sentido “realizar um não-agir”, o que seria contraditório nos termos, o que o involuntário traduz é um “agir não-realizante”, isto é um “agir que não faz” ou que “deixa de fazer” o que deveria ou poderia ter feito. Assim, mesmo naqueles casos em que o agente se desculpa com um coloquial e apaziguador “foi-sem-querer”, importa, de acordo com a ética aristotélica, distinguir até que ponto essa alegada “ausência-de-querer” traduz 1. uma acção involuntária em sentido absoluto, ou seja naquela circunstância em que um indivíduo age contra a vontade, i.e. contrafeito, perante uma aleatoriedade ocorrida (acidental, casual, fortuita, patológica, etc.) ou uma inevitabilidade infligida (prepotência, coacção, tortura, violação, chantagem, etc.), não lhe sendo neste caso eticamente imputável qualquer responsabilidade; ou 2. uma acção involuntária em sentido ético, sendo-lhe sempre neste caso imputada responsabilidade) 2.1. quer naquela circunstância em que um indivíduo age irreflectidamente quanto às consequências que não antevia (lesando o princípio probabilístico de precaução segundo o qual deveria ter avaliado prospectivamente um cenário de desfecho) 2.2. quer naquela circunstância em que um indivíduo age negligentemente quanto ao que estava ao seu alcance fazer mas não foi feito (lesando o princípio prudencial de discernimento crítico segundo o qual deveria ter avaliado o caso concreto no seu contexto envolventes) 2.2.1. seja por incúria (fazendo o que não devia ou que não estava ao seu alcance) 2.2.2. seja por omissão (nada fazendo quando poderia ou deveria tê-lo feito).

ERGON [ἔργον]: o termo é traduzido por **obra**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “trabalho”, “ofício”, “afazer” ou “tarefa”. A maioria das traduções traduz o termo por “função”. Contudo, verdade seja dita, se restituída ao seu subsolo etimológico, a noção de “função” encontra-se demasiado hipotecada à acepção jurídico-administrativa romana de *fungor* [= “desempenhar um cargo”, “cumprir uma incumbência” (e também, embora mais raramente, “alimentar alguém”)]. Estamos, pois, em crer que a concepção *funcionalista* que subjaz a tal opção interpretativa obscurece um pouco aquela matriz *operosa* de eticidade que, em nosso entender, se encontra insinuada no sentido de uma

acção realizativa do humano, mormente no tratado da *EE*. O agir ético, tal como Aristóteles o concebe no contexto da *EE* e da *EN*, muito dificilmente poderá ser analogado a um “papel” ou “cargo” a desempenhar a título de incumbência, mas antes obra humana [ἔργον ἀνθρώπου: *EN* 1097 b 25-26 ss.] a plasmar como resposta ao apelo do *logos*.

HEXIS [ἕξις]: o termo é traduzido por **estado**, sinalizando a nossa inclinação por uma dimensão disposicional de matriz ética mais constitutiva, embora sem se confundir com aquele sentido disposicional de índole anímica mais afecional, em função do qual o termo *diathesis* [διάθεσις] é traduzido por “disposição”.

KALOKAGATHIA [καλοκαγαθία]: o termo é traduzido literalmente por **beleza-e-bondade** ou, mais simplesmente por **integridade**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “honestidade”, apelando à virtude completa do homem íntegro que atingiu a plenitude da sua realização. Nas múltiplas esferas da sua dimensão relacional (familiar, social e política), o homem íntegro é aquele que assume o desafio de coadunar o desígnio ético do agir bem [εὖ πράττειν] ao *design* estético das “belas acções” [πράξεις καλὰς: *EE* 1215b 3], suscitando não só (nem necessariamente apenas) respeito, mas sobretudo admiração. A admiração sentida pelo carácter *belo* de uma *boa acção* [*EN* 1117 b 9] brota do reconhecimento [estético?] da “beleza” inerente ao processo de aperfeiçoamento da sua própria excelência [ἀρετή].

MESOTÊS [μεσότης]: o termo é traduzido por **mediidade**, embora haja mais opções disponíveis cuja fragilidade fere e subverte o sentido **mediacional** do mesmo, como acontece v.g. com a adopção quer do termo “mediania” (já sobrecarregado de conotações marcadamente pejorativas), quer de toda uma gama de significados que apelam à “mediocridade” amornada, ambivalente ou neutra de um “assim-assim”, de um “mais ou menos”, de um “nem ... nem”, completamente refractários ao intuito aristotélico que visa mais o equilíbrio circunspecto e o comedimento. É no gume desse limiar mediacional – e não medianista – que adquire luminosidade o afamado *in medio stat virtus*, reiteradamente imputado a Aristóteles, a par de outros que com ele interagem na malha da tradição cultural da antiguidade clássica, como é o caso do mais discreto mas não

menos significativo *in medio tutissimus ibis*. Na consagrada noção de “mediedade ética” [ῆ ἠθικὴ μεσότης: EN 1109 a 20] imprime na obra do Estagirita uma **marca mediacional** desde a Ética, plano originário a partir do qual a questão se inscreve e germina, até à Retórica, onde se aborda o estatuto “mediacional” da credibilidade na modelação das condições de recepção e adesão ao discurso persuasivo, passando não só pela Metafísica, onde se postula a necessidade dos motores celestes “intermédios” para a explicação cabal do movimento, mas também pela Lógica, onde emerge o papel viabilizador do termo “médio” na validação de um raciocínio apodítico, pela Política, onde se enfatiza o papel decisivo da “meso-cracia” e da classe “média” na coesão social e na estabilização económica dos regimes, pela Psicologia, onde se atesta a importância da posição “intermediária” da imaginação no enlace cognitivo entre a percepção sensível dos dados particulares e a captação inteligível dos princípios formais, e, enfim, pela Economia, onde se destaca a função “mediacional” da moeda na dinâmica comercial, apenas para referenciar alguns dos momentos mais relevantes...

PHAINOMENON [φαινόμενον]: o termo é traduzível na sua imediata literalidade por **fenómeno** tomado por “**aquilo que se afigura**”, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “manifestação”, “aparência”, “facto” ou “o que consta”. O amplo e matizado espectro de significações pode ser desdobrado em dois eixos interdependentes: por um lado, uma significação polarizada em torno do que “parece” enquanto acto perceptivo de uma “a-parência” inscrita no registo opinativo do que “consta” ou do que é “é dito” [tese defendida v.g. por Gwilym Owen] e, por outro, 2. o que se percebe como o que “a-parece” enquanto fulguração de um “a-parecimento” [tese sustentada v.g. por Martha Nussbaum, apesar de posteriormente refutada por William Wians]. Seja qual for, porém, a perspectiva adoptada, ambas as posições podem ser unificadas a partir “**do que se afigura**” envolvendo a percepção opinativa em sentido prospectivo (já não no estafado sentido de aparência indutora de ilusão, engano ou erro em face do que aparenta ser mas afinal não é) e, simultaneamente, a manifestação fenoménica em sentido ocorrencial (já não na ingénua acepção de aparecimento insólito que se impõe à revelia da percepção).

PHRONÊSIS [φρόνησις]: o termo é traduzido por **prudência**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “sensatez”, “sageza”, “sabedoria prática”. Desde os alvares da cultura literária grega, o termo evolui a partir vinculação semântica a uma actividade prospectiva de teor mental e/ou reflexivo, dotada de uma sagacidade crítica de discernimento capaz de se modelar às circunstâncias concretas mediante uma experiência adquirida. Torna-se assim possível inscrever a rica e complexa policromia semântica desse campo terminológico no domínio prático de um agir cuja discursividade se abre a uma plurívoca dimensão 1. cognitiva (enquanto avaliação de possibilidades e capacidades), 2. crítica (enquanto discernimento e escolha de meios), 3. experiencial (enquanto explicitação de uma vivência examinada), 4. poiética (enquanto aplicação ou modelação da norma universal à circunstância) e 5. temporal (enquanto oportunidade vislumbrada e prospecção antecipada). De entre todas as virtudes – quer sejam éticas quer dianoéticas – é a ela a quem cabe assumir ma tríplice **mediação** de 1. apontar “**ao meio**” para visar a justa medida e evitar os extremos que obliteram a vida virtuosa; 2. fixar “**no meio**” a razão calculativa para possibilitar a escolha dos meios ajustados aos fins rectamente visados; 3. posicionar “**de permeio**” a escolha deliberada para modelar decisionariamente a forma necessária do princípio universal na matéria contingente da situação particular.

POIEIN [ποιεῖν]: o termo é traduzido por **fazer**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “produzir”, “criar”, “proceder” e “suscitar; por estranho que pareça, embora a utilização na sua forma verbal seja ampla e transversal à *EE*, já o correlato substantivado *poiêsis* [ποίησις], produção, não comparece aí uma única vez que seja, tendo a *EN* [vide 1140 a 2 ss; b 4-6; assim também *Metaph.*, 1025 b 19 ss.] de acudir em socorro da sua tipificação no sentido de acentuar algumas características que lhe são particulares, designadamente a relativa à feitura ou fabrico de objectos e, igualmente, à produção ou criação artística.

PROAIRESIS [προαίρεσις]: o termo é traduzido por **escolha deliberada**, embora a sua amplitude semântica acolha outras opções como “preferência” e “eleição”, enquanto actos acompanhados de “ponderação”. Uma vez que se podem desejar ou aspirar a fins para os quais não existem meios ou, pelo menos, relativamente aos quais os meios se afiguram

inviáveis ou ineficazes, as dimensões desiderativa e aspirativa necessitam de ser complementadas e aperfeiçoadas por uma competência discriminativa cujo exercício consiste precisamente na escolha criteriosa dos meios em vista dos fins. Mesmo naqueles casos em que, no limite, é perfeitamente possível escolher qualquer coisa antes mesmo de ou mesmo sem deliberar, o certo é que toda a escolha, pelo facto de comportar um sentido de orientação pré-reflexivamente enraizado no subsolo de anteriores experiências electivas, exige àquele que escolhe que dê razões da escolha realizada sempre que as circunstâncias o imponham, a menos que esteja disposto a dar por injustificado aquilo que, no final de contas, comporta sempre, quer se queira ou não, a expectativa racional (mesmo que implícita ou latente) de um mínimo de eficácia prática. Na verdade, o problema não se esgota apenas em saber quais os requisitos que preparam a deliberação [βούλευσις] para a racionalidade de uma escolha [αίρεσις], mas, para além disso, em perceber até que ponto a capacidade electiva só se transforma em **escolha deliberada** [προαίρεσις] num quadro de ponderação prévia e criteriosamente norteada pela recta razão [ὀρθός λόγος].

BIBLIOGRAFIA

EDIÇÕES CRÍTICAS

ARISTOTELIS Opera, I-II: *Aristotelis graece*, ed. Immanuel BEKKER; III: *Aristotelis Latine*, ed. Denis LAMBIN; IV: *Scholia in Aristotelem*, ed. Christian A. BRANDIS; V: *Aristotelis qui ferbantur librorum fragmenta*, ed. Valentin ROSE; *Scholia in Aristotelem*, ed. Hermann USENER; *Index Aristotelicum*, ed. Hermann BONITZ, Berlin: Königlichem Preussischen Akademie der Wissenschaften, 1831-70 [= *Editio altera addendis instruxit, fragmentorum collectionem retractavit*, Olof GIGON, Berlin: De Gruyter, vols. I-II, 1959; IV-V, 1960; III: *Librorum Deperditorum Fragmenta*, 1987]

[ARISTOTELIS] *Eudemi Rhodii Ethica. Adiecto de virtutibus et vitiis libelo*, Recognovit Franciscus Susemihl, Lipsiae, in aedibus B.G. Teubneri, 1884

TRADUÇÕES E COMENTÁRIOS [por ordenação cronológica crescente]

Aristoteles. Eudemische Ethik, Übersetzt und kommentiert von Franz DIRLMEIER, Bd. 7, in *ARISTOTELES WERKE* in deutscher Übersetzung, Begründet von Ernst GRUMACH, herausgegeben von Hellmut FLASHAR, Berlin: Akademie-Verlag, 1962

Etica Eudemia, trad. Armando PLEBE, in *Aristotele. Opere*. Roma-Bari: Laterza, 1965

Aristote. Ethique à Eudème, trad. et not. Vianney DÉCARIE, Paris-Montréal: Vrin – Presses Universitaires de Montréal, 1978

Aristotle Eudemian Ethics, transl. Harris RACKHAM, in *Aristotle*, vol. 20, Loeb Classical Library, Cambridge MA – London: Harvard University Press – Heinemann, 1981

Aristóteles. Ética Eudemia, trad. Rafael SARTORIO, Madrid: Alhambra, 1985

Aristotle. Ethica Eudemia, transl. and not. Richard WALZER – Jean MINGAY, London: Oxford University Press, 1991

Aristotle's Eudemian Ethics Books I, II and VIII, transl. and comment. Michael WOODS, Oxford: Clarendon Press, 1992

Aristote. Étique à Eudème, pref., trad. et not. Pierre MARÉCHAUX, Paris: Payot et Rivages, 1994

Aristotle. Eudemian Ethics, transl. and not. SOLOMON J., in *The Complete Works of Aristotle The Revised Oxford Translation*, vol. 2, ed. Jonathan BARNES, Princeton: Princeton University Press, 1995

Aristote. Ethique à Eudème, trad. et not. Émile LAVIELLE, Paris: Pocket, 1999

Aristotele. Etica Eudemia, trad. et not. Pierluigi DONINI, Roma-Bari: Laterza, 1999

Aristotele. Etica Eudemia, trad. e not. Carlo NATALI, Roma: Laterza, 1999

Ética Eudemia, trad. y not. Julio Palli BONET, Madrid: Gredos, 2003

Aristotle. Eudemian Ethics, ed. and transl. Brad INWOOD and Raphael WOLFF, Cambridge: Cambridge University Press, 2013

Éthique à Eudème, éd. et trad. Catherine DALIMIER, Paris: GF Flammarion, 2013

ESTUDOS

AA.VV., «Aristote. Ontologie de l'action et savoir pratique», in *Philosophie* 73 (2002) 3-5

AA.VV., *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971

ALLAN Donald, «*Magna Moralia and Nicomachean Ethics*», in *The Journal of Hellenic Studies* (London) 77 (1957) 1, 7-11

ALLAN Donald, «Quasi-mathematical method in the Eudemian Ethics», in *II. Symposium Aristotelicum (Louvain 1960): Aristote et les problèmes de méthode*, ed. Suzanne MANSION, Louvain, 1961, 303-318

BODÉÛS Richard, «Contribution à l'histoire des œuvres morales d'Aristote: les Testimonia», in *Revue Philosophique de Louvain* 71 (1973) 451-467

CHAMBERLAIN Charles, «Why Aristotle called ethics ethics: the definition of ethos in Eudemian Ethics 2,2», in *Hermes* 112 (1984) 176-183

DÉCARIE Vianney, «Vertu totale, vertu parfaite et kalokagathie dans l'Étique à Eudème», in *Sens et Existence. En hommage à Paul Ricoeur*, sous dir. de Gary MADISON, Paris: Seuil, 1975, 60-76

DIRLMEIER Franz, «Zur Chronologie der Grossen Ethik des Aristoteles», in *Sitzungsberichte der Heidelberger Akad. Der Wissenschaften. Philosophisch-Historische Klasse 1*, Heidelberg: Carl Winters Universitätsbuchhandlung, 1970

DUMOULIN Bertrand, *Recherches sur le premier Aristote. Eudème, De la philosophie, Protreptique*, Paris: Vrin 1981

GARCÍA YEBRA Valentín, «La filosofía moral de Aristóteles en sus etapas evolutivas», in *Arbor* (Madrid) 86 (1973) 453-457

GAUTHIER-MUZELLEC Mari-Hélène, *Aristote et la juste mesure*, Paris: PUF, 1998

GIGON Olaf, «Das Prooimion der Eudemischen Ethik», in *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August

1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 93-133

GOURINAT Jean-Baptiste, «Délibération et choix dans l'éthique aristotélicienne», in *L'excellence de la vie. Sur L' "Éthique à Nicomaque" et L' "Éthique à Eudème" d'Aristote*, dir. par Gilbert ROMEYER-DERBEY, Paris: Vrin (2002) 95-124

HALL Roland, «The special vocabulary of the Eudemean Ethics», in *Classical Quarterly* 53 (1959) 197-206

HARLFINGER Dieter, "Die Überlieferungsgeschichte der Eudemischen Ethik", in *Untersuchungen zur Eudemischen Ethik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 1-50

HEINAMAN Robert, «Compulsion and voluntary action in the Eudemean ethics», in *Nous* 22 (1988) 253-281

HEINAMAN Robert, «The Eudemean Ethics on knowledge and voluntary action», in *Phronesis* 31 (1986) 149-171

IONESCU Constantin Vicol, *Filosofia moral de Aristóteles en sus etapas evolutivas*, I-II, Madrid: CSIC, 1973

JACKSON Henry, "Eudemean Ethics VIII 1, 2", in *Journal Philology*, 1912

JOST Lawrence, «The Eudemean Ethics and Its Controversial Relationship to the Nicomachean Ethics», in POLANSKY Ronald (ed.), *The Cambridge Companion to Aristotle's Nicomachean Ethics*, Cambridge – New York: Cambridge University Press, 2014, 410-428

JOST Lawrence, «Eudemean ethical method», in *Essays in Ancient Greek Philosophy IV: Aristotle's Ethics*, ed. by John ANTON and Anthony PREUS, New York: State University of New York Press, 1991, 29-40

KENNY Anthony, *The Aristotelian Ethics. A study of a relationship between the Eudemean and Nicomachean Ethics*, Oxford: Oxford University Press, 1978

LEIGHTON Stephen, "Eudemean Ethics 1220 b 11-13", *Classical Quarterly*, 34, 1984

LLEDÓ IÑIGO Emilio, «Introducción a las éticas», in ARISTÓTELES, *Ética Nicomáquea. Ética Eudemia*, trad. y not. Julio Palli BONET, Madrid: Gredos, 2003., 25-27

LOUIS Pierre, «Observations sur le vocabulaire technique d'Aristote», in *Mélanges de philosophie grecque offerts à Mgr Diès*, Paris: Vrin, 1956, 141-148

LOUIS Pierre, «Sur la chronologie des oeuvres d'Aristote», in *Bulletin de l'Association Guillaume Budé* 5 (1948) 91-95 e mais recentemente, *com enquadramento mais vasto e sistematizado*, MILLER Jon, *The Reception of Aristotle's Ethics*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013

MESQUITA António Pedro (coord.), *Introdução Geral às Obras Completas de Aristóteles – I: «Breve Conspecto da Biografia Aristotélica»; II: «Estudos sobre o Texto e a Língua Filosófica de Aristóteles»*, Vol. I, Tomo I, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005

MILLS Michael, “Eudemian Ethics ~ 2, 1247 a 7-13”, *Hermes* 109 (1981) 253-256

MINGAY Jean, “Some Controversial Passages in the Eudemian Ethics”, in *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 51-62

MORAUX Paul, “Das Fragment VIII 1: Text und Interpretation” in *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 253-284

MORAVCSIK Julius, «The nature of ethical theorizing in the Eudemian Ethics», in *Topoi* 15 (1996) 1, 81-88

MOREL Pierre-Marie, trad. *Aristote. De la vertu [Pseudo Aristote]*, in AA.VV., «Aristote. Ontologie de l'action et savoir pratique», in *Philosophie* 73 (2002)

NATALI Carlo, «La phronesis d'Aristote dans la dernière décennie du XXe siècle», in *L'excellence de la vie. Sur L' "Éthique à Nicomaque" et L' "Éthique à Eudème" d'Aristote*, dir. par Gilbert ROMEYER-DERBEY, Paris: Vrin (2002) 178-194

NUSSBAUM Martha, «Saving Aristotle's Appearances», in *Language and Logos*, ed. Malcom SCHOFIELD – Martha NUSSBAUM, Cambridge: Cambridge University Press, 1982, 267-293

OWEN Gwilym, «Tithenai ta phainomena», in *Aristote et les problèmes de méthode. Communications présentées au Symposium Aristotelicum*, Louvain - Paris: Ed. Béatrice Nauwelaerts (1961) 83-103 [= repr. in MORAVCSIK Julius, *Aristotle. A collection of critical essays*, Garden City (NY): Doubleday, 1967, 167-190; et in *Articles on Aristotle, I: Science*, ed. Jonathan BARNES, Malcolm SCHOFIELD and SORABJI Richard, London: Duckworth, 1975, 113-126]

PEARSON Giles, «Phronesis as a Mean in the Eudemian Ethics», in *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Volume XXXII (Summer 2007), ed. David SEDLEY, Oxford: Oxford University Press, 2007, 273-295

PELLEGRIN Pierre, *Le vocabulaire d'Aristote*, Paris, Ellipses, 2001

PLEBE Armando, «La posizione storica dell'Etica Eudemia e dei Magna Moralia», in *Rivista Critica di Storia della Filosofia* (Milano) 16 (1961) 132-152

POLANSKY Ronald (ed.), *The Cambridge Companion to Aristotle's Nicomachean Ethics*, Cambridge – New York: Cambridge University Press, 2014

ROMEYER-DERBEY Gilbert (dir.), *L'excellence de la vie. Sur L' "Éthique à Nicomaque" et L' "Éthique à Eudème" d'Aristote*, Paris: Vrin 2002

ROSS David, "Emendations in the Eudemian Ethics", in *Journal of Philology*, 34 (1918) 155-158

ROWE Christopher, «The meaning of phronesis in the Eudemian Ethics», in *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 73-92

ROWE Christopher, *The Eudemian and "Nicomachean ethics": a study in the development of Aristotle's thought*, Cambridge: Cambridge Philological Society, 1971 [= «The Eudemian Ethics and the Nicomachean Ethics. A Study in the development of Aristotle's Thought», in *Proceedings of the Cambridge Philological Society* 3 (1971) 79-114]

SCHOFIELD Malcolm, «L'Éthique à Eudème postérieure à l'Éthique à Nicomaque? Quelques preuves tirées des livres sur l'amitié», in *L'excellence de la vie. Sur L' "Éthique à Nicomaque" et L' "Éthique à Eudème" d'Aristote*, dir. par Gilbert ROMEYER-DERBEY, Paris: Vrin (2002) 299-315

VAN der EIJK Philip, «Divine movement and human nature in Eudemian Ethics 8, 2», in *Hermes* 117 (1989) 24-42

VERDENIUS Willem, "Human Reason and God in the Eudemian Ethics", in *Untersuchungen zur Eudemischen Etik, Akten des V. Symposium Aristotelicum*, Oosterbeek 21-29 August 1969, Hrsg. Paul MORAUX – Dieter HARLFINGER, Berlin: Walter de Gruyter, 1971, 285-97

WIANS William, «Saving Aristotle from Nussbaum's Phainomena», in *Essays in Ancient Greek Philosophy – vol. V: Aristotle's Ontology*, ed. by John ANTON and Anthony PREUS, Albany: State University of New York Press (1992) 133-149

ZINGANO Marco, *Estudos de Ética Antiga*, São Paulo: Discurso Editorial, 2007